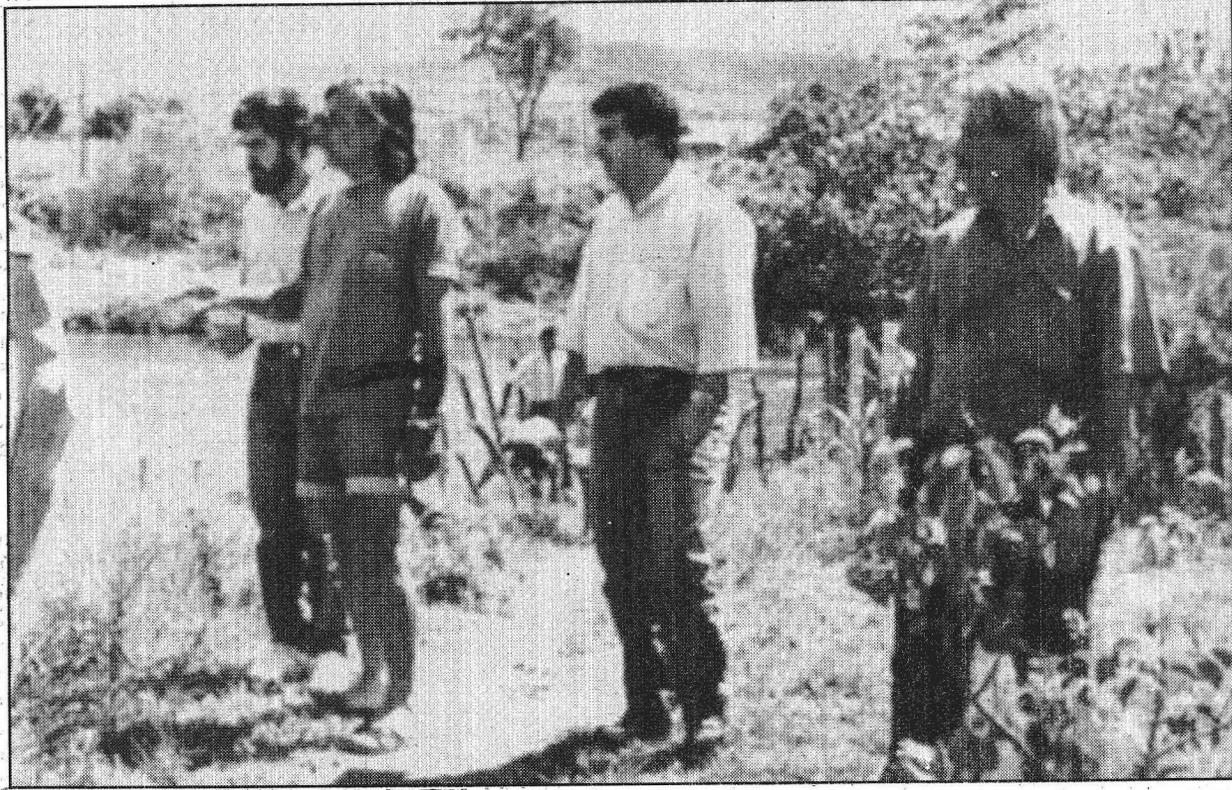


Mecânico chega ao DF sob proteção da CPI

PAULO BARROS



O mecânico João Bosco (de short) foi ouvido por deputados da CPI em uma chácara onde estava refugiado

Luis Cláudio Alves e Raimundo Rocha

(enviados especiais)

Barreiras (BA) — O mecânico João Bosco Rêgo Pamplona foi transferido ontem para Brasília sob custódia da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). O mecânico João Bosco confirmou nesta cidade à uma subcomissão da CPI que apura irregularidades no Orçamento do Congresso Nacional que vendeu um cartão premiado do sorteio número 252 para um esquema de lavagem de dinheiro. Pamplona revelou que, além da participação de um funcionário da Caixa Econômica Federal, a transação envolveu ainda um empresário com atuação em Brasília, que teria funcionado como o intermediador. Para comprovar sua história, ele diz ter uma cópia do cartão premiado e dos próprios dólares que estão escondidos até hoje.

Os deputados federais Augusto Carvalho (PPS-DF), Geovane Queiroz (PDT/PA) e Robson Tu-

ma (PSDB/SP) colheram o depoimento de Pamplona em uma chácara na zona rural de Barreiras, onde ele se refugiou desde que sua história se tornou pública, através de reportagem publicada no último dia 7 no **CORREIO BRAZILIENSE**. Mesmo depois de ter contado com riquezas de detalhes toda a transação aos parlamentares, o mecânico continuou muito tenso e temendo represálias dos integrantes do esquema. Até o fechamento dessa edição, ele ainda relutava em fornecer aos deputados os documentos que podem levar ao completo desbaratamento do negócio.

Uma das pessoas que podem estar envolvidas na transação é um empresário conhecido como David, parente de um dos donos da empresa de Ônibus Alto Paraíso, segundo sinalizou Pamplona aos parlamentares. Esse empresário teria intermediado a negociação e até mesmo emitido um cheque como garantia. Tudo indica, de acordo com relato de

Orçamento
Pamplona, que a intermediação foi feita nas instalações da empresa Alto Paraíso, local onde o mecânico trabalhava na época do sorteio, em janeiro desse ano.

A resistência do mecânico João Bosco em desvendar os mistérios da venda do cartão e apresentar as provas de que dispõe pode ser explicada pelo envolvimento de pessoas ligadas à empresa Alto Paraíso no esquema. Pamplona já repetiu algumas vezes que sempre foi muito ajudado pelos donos da empresa. Ontem, ele chegou a dizer que não apresentaria provas porque não gostaria de trair uma pessoa que já o ajudara muito e que "não tem culpa de nada", dando a entender que estava protegendo alguém. "Não posso falar agora tenho que esperar até janeiro, caso contrário sou um homem morto", desabafou aos deputados, durante a conversa em que acabou relatando toda a transação negando-se, apenas, a entregar os documentos que comprovam a venda.